

As primeiras exposições cinematográficas em Montes Claros

The first cinema exhibitions in Montes Claros

Jailson Dias Carvalho*

A exposição cinematográfica foi abordada, nesta comunicação, como uma problemática, já que a histórica do cinema brasileiro privilegiou, por muito tempo, a produção. Neste sentido, o resgate do passado cinematográfico, via exposição na cidade de Montes Claros, teve como objetivo contribuir para a constituição de um saber histórico articulado nas três esferas ou etapas de que participa uma película: a produção, a distribuição e a exibição.

Para tal fim, pesquisamos vários registros em jornais – Opinião do Norte, A Verdade, Montes Claros, Gazeta do Norte, Correio do Norte – que tratam, em geral, sobre o cinema, e, especificamente, sobre a exibição das películas brasileiras. A pesquisa alcançou as primeiras décadas (10, 20) do século XX, no município de Montes de Claros e terminou no início dos anos sessenta, período na qual a principal fonte - o jornal Gazeta do Norte (1918-1962) - disponível em arquivos, parou de

circular¹.

Os registros de jornais foram organizados em ordem cronológica e obedeceram a duas grandes divisões: aqueles que tratam sobre o cinema mudo na cidade de Montes Claros e alguns poucos registros sobre municípios vizinhos (Bocaiúva, Coração de Jesus), e outros que versam sobre o cinema sonoro.

Todos os registros mantêm uma relação direta com o cinema, entendido como uma invenção tecnológica da modernidade, e em especial com a exibição dos filmes brasileiros. Consta, na parte final de nossa pesquisa o nome da película nacional ou aquele filme que teve a participação de atores brasileiros em seu elenco, a data da sua produção ou de finalização, e, ainda, o local de sua produção, parte do elenco, o produtor ou diretor da película, e, o mais importante, a nosso ver, o ano da sua exibição ou reprise na cidade de Montes Claros.

* Licenciado em História pela UFOP. Especialista em Informática na Educação pela UFLA. Professor de História da rede estadual de ensino de Uberlândia. E-mail: jailcarvbrasil@bol.com.br

¹ Mas esse fato não indica que outros arquivos não tenham sido pesquisados. Ao contrário, uma pesquisa sobre a exibição cinematográfica que tenha como pano de fundo o cinema brasileiro, tem que se apoiar em uma infinidade de fontes (relatos memorialísticos, crônicas, dicionários, enciclopédias sobre cinema brasileiro, filmografias, história oral) e arquivos (Arquivo Público Mineiro, Biblioteca da Unimontes, Biblioteca do Conservatório Lorenzo Fernandez, Cinemateca Brasileira, Arquivo da Câmara Municipal de Montes Claros), pois, a história remota do cinema nacional não foi ainda totalmente conhecida, tampouco a sua exibição.

A problemática da exibição

Quem melhor traduziu as reflexões acerca da relação estabelecida entre a visão histórica dos historiadores do cinema brasileiro e a sua justificativa ideológica tendo por base a produção de filmes, foi o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, em seu texto *Acreditam os brasileiros em seus mitos?* (Bernardet, 1995).

Em linhas gerais Bernardet, parte do princípio de que na historiografia clássica do cinema brasileiro, sobretudo em textos de Paulo Emílio Salles Gomes, Jurandir Passos Noronha, Paulo Paranaguá e Alex Viány, a idéia ou a busca de um nascimento para o cinema brasileiro corroborou para que estes historiadores aceitassem uma filmagem da Baía de Guanabara, realizada por Afonso Segreto em 1896, como o nascimento do cinema brasileiro sem que fosse feita uma crítica metodológica aprofundada às fontes primárias existentes mediante os registros jornalísticos, visto que o suposto filme de Segreto nunca foi encontrado.

Estes historiadores clássicos do cinema brasileiro ao pôr em prática uma narrativa histórica que privilegiava a produção, em detrimento da exibição, rebatiam em suas obras preocupações dos cineastas brasileiros que se ocupavam dos seus filmes, ou melhor, pretendiam fazer filmes e fazê-los era o que mais importava. A exibição foi relegada ao segundo plano no discurso dos historiadores e na prática dos cineastas e produtores.

Em suma, a exibição precisa ser resgatada com o objetivo de se fazer uma história do cinema brasileiro articulada em suas várias esferas (produção, distribuição, exibição). A narrativa histórica advinda com esta variável da exibição permitirá vislumbrar o processo cinematográfico de que participou o cinema brasileiro.

A exibição em Minas Gerais e em Montes Claros

Sabe-se, segundo Galdino, que a primeira exibição de películas no estado de Minas Gerais, ocorreu em Juiz de Fora, a 23 de julho de 1897, com a apresentação do Cinematographo Lumière, pela Cia. de Variedades de

Germano Alves (Galdino, 1983: 19-20).

A segunda e a terceira exibição ocorreram no município de Belo Horizonte em julho e outubro de 1898. A quarta e última exibição detectada pela pesquisa de Galdino ocorreu em maio de 1900, porém o referido pesquisador não menciona o local na qual a mesma teria sido realizada e menos ainda o filme projetado.

Em Montes Claros, o primeiro registro encontrado que trataria sobre a exibição no município assinala que a mesma se daria num determinado local e data a ser confirmada posteriormente, conforme se pode ver a seguir:

Cinematógrafo Lumière
Última palavra da fotografia animada!!!
Brevemente serão exibidas em público diversas vistas de grande sucesso como sejam Quo Vadis?, sensacional romance histórico do século 1º e muitas outras peças cômicas, que produzirão grande divertimento ao público.
No dia do espetáculo será distribuído o programa marcando a hora e o lugar pelo empresário abaixo assinado.
Antônio Quirino. (A Opinião do Norte, 1905: 04)

Não encontramos a confirmação desta exibição haja vista os poucos números de jornais disponíveis nos arquivos públicos pesquisados (Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Pública do Conservatório Lourenzo Fernandez, Biblioteca Pública da Unimontes) e da parca abrangência e periodicidade dos mesmos.

O segundo registro sobre a exibição no município nos foi preservado graças ao escritor Nelson Vianna conforme pode ser visto abaixo:

20 de janeiro 1909 – Diz “A Verdade”, semanário que se publica em Montes Claros, em artigo noticioso, intitulado “Empresa Bioscope”: “Estreou quinta-feira com excelente espetáculo, a Empresa Bioscope, da qual é Diretor-Proprietário, o Sr. João Vasques de Oliveira. Vimos ali uma série de vistas deslumbrantes, todas animadas, por exemplo: A rendição de Porto Arthur, em dois grandes quadros; O amante da lua, engraçada peça humorística; A

Revolução Francesa, peça histórica em nove quadros, além de muitas outras bem interessantes. Todos os aparelhos são movidos a eletricidade, e a esplêndida iluminação elétrica, novidade para esta cidade, nada deixa a desejar. (Vianna, 1964: 106-107)

Não tivemos acesso direto a este exemplar do jornal *A Verdade* de 1909, entretanto, diferentemente do registro anteriormente citado, este menciona o fato de a exibição ter acontecido com “excelente espetáculo” e a novidade da eletricidade para o município advindo com os projetores cinematográficos.

Ao tomarmos como referência o trabalho de Galdino (1983) sobre as exibições em Minas, seria preciso diante disso fazer algumas considerações sobre as fontes disponíveis passíveis de serem checadas pelos pesquisadores.

A primeira delas diz respeito à quantidade dos jornais que foram consultados entre o período de 1905 a 1918. Os arquivos públicos mineiros possuem poucos exemplares destas coleções e além do mais, durante os anos de 1900 até a metade de dezembro de 1905, não houve imprensa escrita na cidade de Montes Claros o que dificulta tecer maiores comentários sobre a exibição cinematográfica no município neste período. Por outro lado, uma avaliação mais criteriosa, acerca de quais os instrumentos usados na exibição de filmes anterior ou durante o período (1897-1900) estabelecido por Galdino para as primeiras exibições em Minas, fica impossibilitada, haja vista que a cobertura do jornal *Correio do Norte* compreende os anos de 1884-1891, sendo que só tivemos acesso aos anos de 1889 à 1891. Desta forma, o pesquisador do cinema brasileiro precisa se embasar em outras fontes em vias de identificar este passado cinematográfico e encontramos em Paula (1979) uma chave de pesquisas futuras acerca deste passado:

Antes do cinema tivemos aqui um Cosmorama ambulante que se instalou no prédio primitivo da Escola Normal, onde está hoje o Hotel São Luís.

Pertencia a Antônio Soares Taveira. Apresentava vistas da Europa. Pagava-se 500 réis para ver a coleção completa. Isso foi no fim do século passado (XIX). (Paula, 1979: 215-216)

Feita estas considerações, o primeiro registro que trataria sobre a exibição a partir do ano de 1918, demonstra que a sala de espetáculos cumpre bem os seus objetivos enquanto veículo de lazer e encontro social, além de constituir um meio de avaliar os costumes dos indivíduos, sendo que a primeira película nacional detectada em nossa pesquisa foi exibida em 1922 como complemento de um filme estrangeiro: “Cinema (...) Como complemento do programa passaram-se “Actualidades”, n. 42 da “Carioca Film”, do Rio de Janeiro”. (*Gazeta do Norte*, 1922: 01)

Conclusão

A exibição constitui a última etapa percorrida por uma película até chegar às telas dos cinemas. Parece uma obviedade, mas por detrás dela escondem-se diversas variáveis que precisam ser levadas em conta.

Uma delas refere-se ao fato de a historiografia clássica do cinema brasileiro não tê-la levado em conta em suas análises, favorecendo uma narrativa histórica que privilegia a produção e a aglutinação das obras cinematográficas e os autores dos filmes.

Se o filme não foi feito em uma determinada região isso não quer dizer que o mesmo não participa de outras relações em vias de chegar até o espectador. Ao contrário, o filme, enquanto uma invenção da vida moderna, mantém uma relação direta com outras invenções do mesmo porte tais como: o sistema de transportes (locomotivas, automóveis, estradas), o sistema de comunicações (jornais, revistas, propagandas, telégrafos), e o mecanismo elétrico (a eletricidade, os projetores cinematográficos).

O cinema brasileiro aproveita-se desta estrutura e chega às telas do interior do Brasil. Quantos filmes nacionais foram vistos, quem viu estes filmes e quando eles foram vistos é uma outra história que precisa ser escrita

utilizando as fontes primárias disponíveis.

Referências bibliográficas

BERNARDET, Jean-Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro*. São Paulo: ANNABLUME, 1995. (Coleção E; 2)

CARVALHO, Jailson Dias. *A exibição cinematográfica em Montes Claros; registros sobre projeções de filmes brasileiros mudos e falados, filmagens, salas de cinema de Montes Claros*. Snt. Mimeo.

CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa (org.). *O Cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Casac & Naify, 2004. 2 ed. (Coleção cinema, teatro e modernidade)

GALDINO, Márcio da Rocha. *Minas Gerais: Ensaio de Filmografia*. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1983.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 30 de setembro de 1922, sábado, n. 219, ano V. p. 01.

MONTES CLAROS. Montes Claros, 24 de fevereiro de 1918, n. 89, ano II. P. 02.

PAULA, H. A. *Montes Claros, sua história sua gente seus costumes*. Montes Claros: Minas Gráfica Editora, 1979. 2 ed. V. 1, 2.

VIANNA, N. *Efemérides montesclarenses*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1964.